

Capelania

a coragem de ajudar quando ninguém mais ajuda



Base bíblica: a história do Bom Samaritano (Lc 10:25–37)

Há perguntas que parecem simples, mas que desarrumam a vida por dentro. Em Lucas 10:25–37, um intérprete da Lei se levanta para testar Jesus com uma questão clássica: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Jesus responde como costuma fazer: devolvendo a pergunta ao coração do próprio homem. “Que está escrito na Lei? Como interpretas?” O homem cita o essencial: amar a Deus com todo o ser e ao próximo como a si mesmo. Jesus concorda e conclui: “Faze isso e viverás.”

Até aqui, tudo está no terreno seguro do discurso religioso: os mandamentos são conhecidos, a teoria está certa, e a consciência permanece relativamente confortável. Mas o texto diz que o homem, “querendo justificar-se”, pergunta: “E quem é o meu próximo?” É nessa tentativa de reduzir a responsabilidade, de limitar o alcance do amor, que Jesus conta a história do **Bom Samaritano**. E é aí que, séculos depois, a capelania encontra um dos seus espelhos mais nítidos.

Capelania, no sentido mais humano e mais bíblico, é a prática organizada do cuidado. É o ministério de presença e ajuda. É o ato de aproximar-se de pessoas feridas, confusas, enlutadas, vulneráveis, em crise, não para “ganhar uma discussão”, mas para sustentar alguém no momento em que sua vida está no chão. A parábola de Jesus não é apenas uma lição moral; é um retrato do que significa ajudar de verdade.

O caminho onde as crises acontecem

Jesus começa de forma direta: “*Certo homem descia de Jerusalém para Jericó.*” A estrada Jerusalém/Jericó era conhecida por seu relevo perigoso e por assaltos. Na narrativa, o homem cai nas mãos de salteadores: é espancado, roubado e deixado “quase morto”. A cena é forte porque descreve o que as crises fazem com as pessoas: elas “roubam” recursos (saúde, segurança, paz), “ferem” a identidade e deixam a vítima em um estado de choque, sem força e sem clareza.

Na vida real, a estrada é outra, mas o cenário se repete: o hospital, a delegacia, o velório, a sala de espera, o corredor de uma empresa após um acidente, a madrugada de uma casa em luto, o silêncio depois de uma notícia difícil. Muitas pessoas não precisam, primeiro, de um sermão. Precisam de alguém que interrompa o próprio caminho, reconheça a dor e aja com compaixão prática.

Capelania começa aqui: no entendimento de que o sofrimento humano não é abstrato. Ele tem hematomas, tem lágrimas, tem tremor na voz, tem falta de ar. E, por isso, o cuidado também precisa ser concreto.

Dois homens “corretos” e uma pergunta incômoda

O texto diz que, por acaso, um sacerdote descia pelo mesmo caminho. Viu o homem e passou de largo. Depois, um levita, alguém ligado ao serviço religioso, chega, observa e também passa de largo. O choque da parábola não é que “pessoas más” ignoraram a vítima; é que pessoas respeitáveis fizeram isso. É possível ter posição, reputação e conhecimento, e ainda assim não ajudar.

Jesus não explica os motivos deles. E talvez não explique por que as justificativas são sempre parecidas:

- “Estou atrasado.”
- “Isso pode me comprometer.”
- “Alguém mais qualificado vai aparecer.”
- “Não quero me envolver.”
- “É perigoso.”
- “Não sei o que fazer.”
- “Isso não é comigo.”

São desculpas compreensíveis do ponto de vista humano e, ainda assim, insuficientes do ponto de vista do Reino de Deus. A capelania existe exatamente porque a realidade mostra: nem sempre quem deveria parar, para. E quando ninguém para, a dor se torna mais profunda.

Capelania, portanto, não é apenas “um departamento” ou “um título”. É uma decisão: a decisão de não normalizar a indiferença.

O Samaritano: o improvável que se torna próximo

Jesus então introduz o personagem que desmonta o preconceito da época: um samaritano. Para muitos judeus, samaritanos eram vistos com desconfiança e desprezo. Em outras palavras, Jesus escolhe, de propósito, alguém que não estaria no “círculo aprovado” do religioso tradicional. E é esse homem que se torna exemplo.

O texto diz que ele viu e “moveu-se de íntima compaixão”. E aqui há uma diferença decisiva: a compaixão bíblica não é pena passiva. Ela empurra para a ação. O samaritano faz o que capelães fazem quando estão no melhor de sua vocação: ele se aproxima.

Aproximar-se, em contextos de sofrimento, é uma forma de coragem. Porque aproximação envolve custo: custo emocional, custo de tempo, custo de energia, custo de segurança e, muitas vezes, custo financeiro. Mas a capelania é justamente este compromisso: estar presente quando a vida do outro está quebrada.

A ajuda que é “presença + ação”

Jesus descreve os passos do samaritano com detalhes, como se quisesse impedir que a história virasse poesia sem prática:

1. Ele se aproxima e avalia a situação

Antes de qualquer coisa, ele chega perto. Ajuda real começa com presença real. Há dores que não se resolvem à distância.

2. Ele trata feridas

O texto menciona azeite e vinho, recursos de cuidado e limpeza usados naquele contexto. Em linguagem de hoje, é a intervenção possível: primeiros socorros, orientação, suporte imediato, palavras que estabilizam a pessoa, redução do pânico, proteção contra novos danos. Capelania não substitui profissionais de saúde, mas caminha ao lado, ajudando a pessoa a respirar, organizar pensamentos, encontrar apoio, recuperar chão.

3. Ele protege e transporta

Coloca o homem sobre o seu animal e leva a uma hospedaria. Isso é mais do que “dar uma palavra”: é conduzir alguém para um lugar de cuidado. Uma das tarefas mais valiosas de um capelão é facilitar caminhos: encaminhar, conectar, acompanhar, garantir que a pessoa não fique sozinha.

4. Ele permanece

Ele não faz um “ato bonito” e desaparece. Passa a noite cuidando dele. Em crises, muitas pessoas sofrem mais depois que os outros vão embora. Capelania é permanência possível: “Estou aqui. Você não está sozinho.”

5. Ele investe recursos

Paga ao hospedeiro e promete cobrir despesas extras. A história não glamouriza a ajuda: ela mostra que cuidar custa. Tempo, atenção e, às vezes,

dinheiro. A capelania, enquanto ministério, também exige investimento: preparo, organização, protocolos, rede de apoio, formação contínua.

O resultado é poderoso: o homem caído não é apenas “socorrido”; ele é restaurado ao ponto de ter chance real de continuar vivendo.

“Quem foi o próximo?”: capelania como identidade, não como evento

No fim, Jesus pergunta: “*Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?*” O intérprete da Lei responde: “O que usou de misericórdia para com ele.” Jesus conclui com uma frase que é, ao mesmo tempo, simples e exigente: “*Vai e faze o mesmo.*”

Note: Jesus não pergunta “quem é o próximo”, como se o foco fosse *classificar pessoas*; Ele pergunta “quem foi o próximo”, como se o foco fosse *tornar-se alguém que cuida*. Em outras palavras, o “próximo” não é apenas uma pessoa a ser identificada, é uma identidade a ser assumida.

Capelania é isso: tornar-se próximo. Não apenas quando convém, mas quando é necessário.

O ato de ajudar: mais do que um gesto, um ministério

Em muitos contextos, ajudar virou sinônimo de “fazer caridade” ocasional: uma doação aqui, uma visita ali, uma palavra rápida quando sobra tempo. Tudo isso pode ser bom, mas a parábola apresenta algo mais profundo: um tipo de ajuda que não foge do problema, não terceiriza a dor e não reduz a pessoa ferida a um incômodo.

A capelania se estrutura exatamente para que o cuidado não dependa apenas de improviso. Ela treina pessoas para ouvir sem julgar, acolher sem invadir, orientar sem dominar, proteger sem expor. Ela aprende a lidar com crises, luto, traumas, ansiedade, conflitos familiares, perdas súbitas, culpa, medo e desesperança. E ela faz isso com um compromisso ético: confidencialidade, respeito, dignidade e encaminhamento responsável quando necessário.

Em termos práticos, capelania é o encontro entre compaixão e competência.

Onde a capelania mais se parece com o Bom Samaritano hoje

A parábola é antiga, mas o cenário é atual. O “homem caído” pode ser:

- **O enfermo** que recebeu um diagnóstico e não sabe como contar para a família.
- **A viúva** que volta para casa e encontra silêncio onde antes havia rotina.
- **O profissional exausto** que está à beira do colapso emocional e não quer admitir.
- **O jovem ansioso** que sorri por fora, mas está quebrado por dentro.
- **O militar, socorrista ou voluntário** que viu cenas difíceis e está “funcionando”, porém não está bem.
- **O preso** que perdeu o rumo e precisa de alguém que o trate como ser humano.
- **O líder** que carrega responsabilidades demais e não tem com quem falar.

Em todos esses casos, capelania é atravessar a rua. É recusar a postura de espectador. É oferecer presença, cuidado e direção.

A espiritualidade do cuidado

O Bom Samaritano não faz um discurso. Ele faz o bem. Isso não diminui a fé; pelo contrário, revela a fé. Há momentos em que a maior expressão do amor a Deus é cuidar do ser humano que Deus ama.

Ajudar, bíblicamente, não é uma “opção para os mais sensíveis”. É parte do discipulado. E a capelania é uma forma madura desse discipulado: organizada, preparada e disponível.

Um convite final: atravessar a rua

A parábola termina sem dizer o nome do homem ferido. Talvez porque ele represente qualquer um. Um dia, nós somos o samaritano. Em outro, nós somos o caído. E, frequentemente, a sociedade se torna mais humana quando existem pessoas dispostas a interromper a pressa para praticar misericórdia.

Capelania é isso: a coragem de ajudar quando ninguém mais para.

E a pergunta que fica, não como acusação, mas como chamado, é a mesma que ecoa do texto: Diante de alguém ferido no caminho, você vai passar de largo... ou vai ir de encontro ao necessitado?

Capelão Cel. Paul Rech